

MANGABEIRA, N., *O encantamento do humano, ecologia e espiritualidade*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

Ser Humano: simples cidadão do cosmos

Por várias razões o livro de Nancy Mangabeira merece a atenção dos leitores. Ressalto duas delas: a trajetória política da autora e o "contexto político-intelectual" em que se insere a sua abordagem ecológica.

Em relação à primeira questão, o livro, sem problemas, poderia chamar-se *O percurso de uma geração*. Nancy foi militante política de organizações de esquerda no início dos anos 70. Como muitos outros, foi presa, banida e exilada.

Hélio Pellegrino, já falecido, foi, nessa época, seu psicólogo. Nancy oferece como um presente a seus leitores a carta que ele lhe enviou quando ela ainda se encontrava na colônia penal, em Recife. Essa carta é importante para a sustentação do livro. Pellegrino nos oferece ali duas importantes dimensões da personalidade de Nancy: a de mística e a de militante política. No limite da vida e da morte – a experiência concretamente vivida na prisão –, Nancy vive uma intuição fundamental, descrita, como segue, por Pellegrino: "Somos parentes de tudo – do Outro, da terra, da água, da pedra. Somos parentes, ligados, tecidos no tapete do Cosmos. É esta a sua intuição principal, força afetiva e espiritual que leva você a ter as vivências que você própria chama de místicas". Foi, pois, com esta percepção que Nancy optou, então, pela espessura do mundo, pela *pólis*, como pessoa política. Essas duas dimensões de sua personalidade estão presentes nos vários textos da coletânea.

Em relação à segunda razão, qual seja, o "contexto-crítico-intelectual" em que se insere sua abordagem, ressalto desde já que Nancy defende uma *ecologia radical*. O que está em jogo, para a autora, é o projeto civilizatório. Com isto, questiona-se a estratégia de uma *ecologia técnica* (diminuir os níveis de agressão à natureza) ou de uma *ecologia política* (prestar atenção aos projetos de desenvolvimento e às questões do meio ambiente). Este processo de civilização opõe-se, assim, ao que se conven-

cionou chamar *shallow environmentalism* (ambientalismo superficial), voltado para um controle mais eficiente do meio ambiente em benefício do *status quo*.

Para a autora, a crítica da política não se esgota na crítica do partido revolucionário ou na crítica da teoria que informa determinadas práticas políticas. Nancy – inspirando-se em E. La Boétie – dá-se conta de que a luta contra o tirano-rei pode ser inglória se não tiver como fundamento uma crítica civilizacional. Ou seja, o reino do tirano é mais amplo: abarca o projeto civilizatório. Este deslocamento crítico é proposto em um dos textos que compõe o livro (*A tiranização do real na civilização contemporânea*).

Nancy mostra como, por sucessivas rupturas – que caracterizam o processo civilizatório no Ocidente –, chegamos à modernidade, onde o ser humano é visto como o centro do universo. E, como tal, o homem passou a pensar a sua humanidade na razão direta da sua capacidade de dominar e manipular a natureza. Os gregos antigos designavam com o nome de *hybris* a tendência humana à desmesura, à transgressão das leis da natureza, à desobediência da ordem universal. Para a autora, a diferença civilizacional explicita-se quando temos em conta que, enquanto outras sociedades fizeram do eixo de sua cultura a elaboração de técnicas para controlar essa tendência, a nossa fez da *hybris* sua virtude máxima. Eis que, enquanto civilização, empenhamo-nos em nossa própria destruição. Nas palavras da autora: "O projeto de dominação e controle de tudo o que existe (...) a busca de mais e mais poder sobre a natureza, sobre tudo e sobre todos, o antropocentrismo, formam o eixo em torno do qual, enquanto civilização, gravitamos (...)"

Os dois últimos textos – "Cosmos e *pólis*: os fundamentos filosóficos dos movimentos ecológicos" e "Ecologia e espiritualidade" – repõem a crítica do paradigma da ciência moderna. É este filão interpretativo que faz do livro um importante marco para os que estão interessados na discussão da crise da modernidade, em nosso modo de ser e de ver o mundo. A inspiração para essa crítica é, confessadamente, heideggeriana.

A "ecologia radical" – defendida pela autora – põe a questão: quem é o homem? Qual o seu lugar na arquitetura cósmica? O homem moderno vê-se como fonte de todo valor e de toda medida. Eis porque nos sentimos à vontade para transgredir todos os limites e desrespeitar os demais seres. Compreende-se, assim, que a ecologia radical pressupõe a crítica do caráter antropocêntrico do humanismo. Ela elabora as relações a partir da unidade fundamental do todo. O ser humano é, doravante, compreendido em sua inserção, em sua solidariedade e em comunhão com o conjunto dos seres.

Para o "mundo humanístico" (antropocêntrico) criticado pela autora, a preservação da Natureza é aceita como proposta política na medida em que há uma razão e prática para salvar cada parte isolada dela. Na "ecologia radical", ao contrário, os demais seres não são respeitados porque são "úteis aos humanos, mas porque são aquilo que são" (p. 72). E basta! Têm direitos porque existem. O homem aqui é um cidadão do cosmos. Recupera a sua dimensão cosmopolita, vendo-se como parte integrante de um todo que é transcendente a ele e do qual ele faz parte. Deixa de ser

assim “a medida” em relação à qual uma parte da Natureza tem mais valor do que outra. É o princípio de Noé: em sua arca, Noé transportou animais de todas as espécies para além dos interesses utilitários humanos.

O que significa, pois, na “ecologia radical”, a realização humana? Nos marcos da filosofia heideggeriana, tal realização se dá na medida de nossa abertura para o mistério do Ser em sua revelação nos seres. Ou ainda, “assumimos nossa humanidade à medida que reconhecemos que o homem não é o tirano da Natureza, mas um canal através do qual o Cosmos pode se presentificar de novas maneiras (...)”.

A riqueza do movimento ecológico radical está, portanto, em juntar a dimensão da *pólis* – ou seja, aquele espaço que é próprio à comunidade dos homens, o espaço da convivência humana – com a dimensão do cosmos: a dimensão da nossa relação com o universo.

Ao tecer os fios de uma nova proposta político-existencial, a autora tece os fios de sua própria história. Nas palavras da autora: “A busca de uma prática que interligue ecologia, política e espiritualidade é para alguns de nós resultado da experiência que fizemos enquanto parte de uma geração que se engajou com muita intensidade no projeto de transformação revolucionária do sistema vigente: a geração de 68 (...)” A utopia que norteou aquele “fazer político” está, de novo, presente: “(...) a aspiração a uma sociedade na qual o ser humano pudesse realmente usufruir da plenitude de suas potencialidades”.